

4

S E R M ã O

SOBRE A VERDADE

DA

RELIGIÃO CATHOLICA:

PRÉGADO NA IGREJA
DE NOSSA SENHORA DOS MARTYRES
DE LISBOA,

NA QUARESMA DO ANNO DE 1817,

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO,
*Presbytero Secular, e Prégador de Sua
Majestade.*



L I S B O A:
NA IMPRESSÃO REGIA. 1818.
Com Licença.

S E R M ã O

/ SOBRE A VERDADE

DA

RELIGIÃO CATHOLICA

PRÉGADO NA IGREJA
DE NOSSA SENHORA DOS MARTYRES
DE LISBOA,

NA QUARESMA DO ANNO DE 1817,

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO,
Presbitero Secular, e Pregador de Sua
Majestade.



L I S B O A :

NA IMPRESSÃO REGIA. 1818.

Com Licença.

A O
RÉVERENDÍSSIMO PADRE MESTRE
FR. ALVARO VAHIA,
Monge de S. Bernardo, e Secretario da sua
Congregação.

A Amizade he hum vinculo, que se conserva no desempenho de sagrados deveres, e o principal he confessar, e reconhecer publicamente os amigos: eu não me podia esquecer de o cumprir, obrigando-me a gratidão, e o reconhecimento. Dedico a Vossa Reverendissima este Sermão, escutado com universal enthusiasmo dos bons; porque he meu amigo, e porque he douto. Nas Obras do seu grande Patriarcha encontrei todas as luzes, que nelle deixo espalhadas. Consagre-se a tão digno Filho o que he herança de seu mesmo Pai; e nesta Offerta deixa eternizada a sua gratidão ao Pai porque he meu Mestre, ao Filho porque he

Seu amigo,

José Agostinho de Macedo.

A O

REVERENDISSIMO PADRE MESTRE
FR. ALVARO VAHIA,
Monge de S. Bernardo, e Secretario da sua
Congregação.

A Amizade de hum vincolo, que
se conserva no desamparo de segun-
dos deveses, e o principal de confes-
sar, e reconhecer publicamente os ami-
gos: em nullo me podia esquecer de o
cumprir, obrigando-me a gratidão,
e o reconhecimento. Dedicado a Vossa
Reverendissima este sermão, escutado
com universal enthusiasmo dos bons,
porque he meu amigo, e porque he
douto. Nas Obras do seu grande Pa-
triarcho encontrei todas as luzes, que
nelle deixo espalhadas. Consegue-se a
tao digno Filho a que he herança de seu
meu Pai; e nesta Offerta deo
eternizada a sua gratidão ao Pai por-
que he meu Mestre, ao Filho porque
he

Seu amigo,

José Agostinho de Macedo.

A 2

Dominus fundavit Sion.

Isaias Cap. 14. v. 32.

Não ha cousa mais opposta, e mais contraria á razão, diz S. Bernardo, escrevendo ao Summo Pontifice Innocencio Terceiro, que querer transcender com a razão os mesmos limites, que lhe assignalára o braço Omnipotente. *Quid magis contra rationem, quam ratione rationem conari transcendere?* Tal he o presupposto, o afinco, ou a pertinacia dos Incredulos do Seculo, quando pertendem reduzir a problema os profundos mysterios, e incomprehensíveis arcanos da Religião! Huma continua experiencia desengana os maiores Sábios da incomprehensibilidade dos naturaes phenomenos, que se descobrem no espectáculo do Universo; e se he sincero o homem, não póde deixar de confessar a sua ignorancia, e de conhecer, que são muito estreitos os limites da

razão humana. He quasi tudo opinião, e muito poucas cousas se podem chamar sciencia. O movimento dos Astros, a origem da materia, a união, e reciproco laço e commercio das duas substancias que compõem o homem, isto he, a origem das nossas idéas, são humas sombras, que até agora não rompeo, nem talvez romperá no mais porfiado estudo o entendimento humano. Parece que esta evidencia da propria ignorancia devia conter os Espiritos altivos, e orgulhosos do Seculo, e persuadillos que não devem, como diz o Santo Doutor, forcejar com a propria razão, para transgredirem os limites, que lhes foram assignalados, e prescritos, muito principalmente naquellas materias, que, longe de admittirem o exame da razão, pedem o seu sacrificio; quero dizer, naquellas materias, que são do imperio da Fé, sobre que se funda a santa Religião, que professamos. Tem a Deos por Author; e elle mesmo quer que o homem não conheça as suas obras desde a sua origem até o

seu fim: *Ut non cognoscat homo Opus Dei à principio usque ad finem.*

Cheio, e penetrado destes sentimentos, eu subo hoje a este lugar santo; e ouvindo resoar de hum cabo a outro cabo da Europa, no meio de tantos Filósofos, de tantos pensadores, de tantos espiritos fortes, e levantados, a palavra — Razão —, quando se trata da maior obra de Deos, que he a Religião, e do mais importante objecto do estudo do homem, eu intento pôr-me da parte destes mesmos pensadores, e servir-me, para demonstrar a verdade, das mesmas armas, de que elles se servem para a combater. Intento fazer sentar a razão sobre o seu magestoso throno, e longe de querer proscreever seus direitos, dar a estes toda a força de que são capazes para a sustentar, e farei triunfar a sua causa em materia de Religião, se eu mostrar, que o meio mais poderoso para fazer conhecer com evidencia a sua verdade, e divindade, isto he, para fazer sentir que Deos he seu immediato Author, he a

mesma razão humana, quando della fazemos o verdadeiro uso. Acreditar os seus mysterios he o unico emprego da nossa Fé : *Accedentem ad Deum oportet credere* : mas dar com a razão a evidencia a esta mesma Fé será, assim como o ultimo esforço, o maior triumpho da eloquencia sagrada. Vejo o mais numeroso, o mais illustre, e o mais sabio Congresso; mas o homem que vos falla, vos he conhecido. São antipathicos com o seu character o fanatismo, e a superstição. Serei hoje Filosofo com os Filósofos, e farei uso daquella razão, diante de cujo Tribunal tudo julgão, e tudo querem que seja julgado.

O impio Apostata Juliano, que sentou comsigo no Throno a impiedade, e que he o Idolo dos Filósofos do Seculo, mofou, e escarneceo de nossa santa Religião; porque vendo, que nos obrigava a captivar o proprio entendimento em obsequio da Fé, lhe parecia que a Religião queria adoradores estupidos, e sem sapiencia, ou sem razão: por isso cha-

mava com insano ardimento á Fé dos Christãos a virtude dos ignorantes. Não me admiro ; hum homem tão indigno , que considerava o temor de Deos como a virtude dos cobardes , podia muito bem considerar a Fé como a virtude dos ignorantes. Mas a Filosofia deste incredulo coroadó , ou foi huma summa ignorancia , ou huma summa impostura ; porque a nossa crença he hum acto da maior sapiencia , e o uso mais sublime , e apurado da razão , que o homem póde fazer. Deos estabeleceo no Mundo huma Religião , na qual quer ser conhecido , quer ser adorado dos homens. Eis-aqui huma verdade tão certa , e demonstrada por si mesmo , tão recebida pelo unanime consentimento de todas as Nações , que nenhum homem , a não ser hum Atheo , que , como Lalande , por tal se declare , a tem até agora contestado. Toda a difficuldade em tão importante materia se reduz a distinguir entre tantos cultos , tão varios , e tão oppostos , qual seja aquelle , que verdadeiramente pro-

venha de Deos, e que Deos exija dos homens. A Cruz de J. C. se confundio, e misturou com as cruces dos salteadores. Entre as varas dos Magicos do Egypto he huma só a vara de Moysés; todas as outras são empunhadas pelas mãos da impostura. Mas se he verdade que não faltão á verdadeira Religião caracteres, que a distinguão das falsas, só me resta indagar com o lume da razão natural quaes sejam estes caracteres, para julgar entre as falsas, e a verdadeira. Pede a razão, que a Religião, que vem de Deos seja tal, que nella se possa reconhecer o original na sua imagem; como se reconhece a causa no seu effeito. Será tal, que nella se descubraõ os rasgos da mão de Deos, e que della possa reflectir huma luz divina, e innegavel. Será tal em summa, que nella exista Deos, como o Artifice na obra, e ella se descubra em Deos, como a obra existe na arte, e na sciencia do Artifice. He impossivel, diz a razão, que aquelle Deos, que sobre o rosto de todas as creaturas

tirou tantas linhas da sua semelhança, não se haja de hum modo muito especial impresso a si mesmo na face da sua Religião, para que, assim como não ha homem tão cego, que vendo a ordem, a formosura, e perfeições deste Mundo visivel, não reconheça a Deos por seu Author, não haja tambem homem tão estúpido, que vendo a qualidade, e as perfeições deste Mundo invisivel, que he a sua Religião, não seja obrigado a confessar com maior evidencia, que he obra do mesmo Deos, como o Mundo material, que se nos descobre. Eis-aqui o que a razão deve conhecer, e confessar na Religião, que professamos. Por pouco que a Razão páre a contemplalla, descobrirá á maneira de hum cunho esculpida vivamente a imagem de seu Divino Author. Para dirigir por passos seguros a minha razão, limito-me a considerar em Deos tres perfeições, que são a sua Sapiencia, a sua Omnipotencia, e a sua Bondade; e as descubro de tal maneira no estabele-

cimento, nos progressos, e natureza da Religião Catholica, que digo, que não he menos cêgo, ou menos impio o que nega que estas perfeições se achem em Deos, do que quem nega que resplandeção na Religião aos desapaixonados olhos da razão humana. Se a razão lhe descobrir estes tres caracteres, confundir-se-ha a Filosofia do Seculo, triunfará a mesma razão; e o impio, se não se confessar convencido, ficará no mesmo Tribunal da razão, para que tanto appella, desacreditado.

Descobre a razão a Sapiencia infinita de Deos na Religião, que professamos, na qualidade, e indole dos meios; de que a mesma infinita Sapiencia se servio para a estabelecer. Junto o nosso Divino Legislador sobre o cabeço de hum monte seus Discipulos, sentou-se entre elles como hum Monarcha em Conselho de Estado, e lhes disse: Vós sois o Sal da Terra, que deveis corrigir a contagação universal: Vós sois a Luz do Mundo, que deveis desterrar aquellas trevas,

que o opprimem : Vós sois huma Cidade edificada na cima de huma alta montanha , que pela sua elevação deve necessariamente ser vista de todos. O sublime Doutor S. Bernardo se fixa hum pouco a contemplar este Oraculo ; e parece attonito ao escutar este discurso ao Divino Legislador. Attendei , diz elle , fallando a seus Irmãos entre os preruptos , e invios rochedos de Claraval , vede que grandes cousas prometta , e a quem as prometta. Promette hum nome , e huma fama , que se estenda por todo o Mundo ; e a promette a homens tão abjectos , e miseraveis , que se podem chamar não só ignotos , porém nullos , em o mesmo lugar em que nascêrão : *Perpendite qualia polliceatur eis , qui in sua quoque regione habebantur ignoti.* Figurai-vos hum pouco , continúa o eloquente Padre , que algum Principe da Synagoga , por acaso escondido em alguma gruta do mesmo monte , ouvisse estas promessas feitas por hum homem , em apparencia como os outros , e a ho-

mens de tal carácter, e jerarquia. Com que soberba, e com que mofa as escutaria! Com que maligno prazer contaria o que tinha escutado, e a qualidade dos sujeitos, a quem taes promessas se dirigião! São estes, diria elle com o tom importante de hum Filosofo, são estes o Sal da Terra? São estes a Luz do Mundo? São estes a Cidade edificada na corôa de huma montanha? Não se volve hum grão periodo de tempo. He crucificado pelos Hebreos o Mestre, e o Conductor destes homens em apparencia tão vis. He este o instante em que devem ter cumprimento as grandes promessas, no mesmo instante em que perdêrão o Legislador, no mesmo instante em que se espargem, e se escondem por temor, no mesmo instante em que mais cuidão em conservar a vida, e não em conquistar a Terra, no mesmo instante, sim... e he este o prefixo para o cumprimento dos grandes designios, e incomprehensíveis projectos. Tomados, e investidos de hum novo espirito, já

se unem para tratar Quem o acreditará? para tratar do modo, porque devem como Sal purgar a Terra, illuminalla como Luz, e dominalla como Cidade, ou Fortaleza edificada sobre hum monte. Mais claramente: unem-se, para deliberar sobre o grande negocio de submetter o Mundo ao Evangelho de Jesus Christo. Repartem entre si as regiões da Terra; porque até os seus ultimos limites devem chegar os éccos da sua voz: óração, abração-se, e marchão

Oh! confiança! digamos melhor, oh! presumpção! Doze homens sem letras, sem força, com os pés ainda cubertos do lodo do mar, com os vestidos ainda borrifados das aguas do Tiberiades, se preparão para huma tão ardua empreza, e que parece não arriscada, mas louca, aos olhos da simples razão humana? Arroios de poucas aguas, apenas rebentão de sua pobre, e escura vertente, podem ir já murmurando entre si o alagamento, ou submersão universal da Terra? Estes Conquistadores não só desar-

mados, porém nós, correm; cada hum áquella parte do Mundo, que lhe tocára, com aquella mesma segurança, com que hum filho vai tomar posse de huma herança, que se lhe não contradiz; ou com aquella mesma confiança, com que hum Capitão, sustentado por hum forte exercito, corre a occupar hum posto mal defendido! Mas que opposições, e que obstaculos não devião vencer! Oppor-se-hão a seus designios os Imperadores com as forças de suas armas, os Filosofos com a subtileza de seu engenho, os Oradores com a energia de sua eloquencia, e os Politicos com todos os stratagemas da humana malicia. A Religião, que pré-gão, e annuncião, he huma Religião inimiga de todas as outras, e por consequencia apenas fôr publicada, será calumniada pelos Soberanos como fautora de sedições; será aborrecida pelos licenciosos, e desenvoltos como contraria a seus prazeres, será desacreditada pelos Sabios como chêa de extrayagancias; e para vencer to-

dos estes impedimentos, para destruir todos estes obstaculos Deos põe em obra as illiteratas, e rudes linguas destes pobres pescadores! São estes os meios, e estes os instrumentos, que devem fazer, e concluir huma universal, e não vista até alli, revolução no Mundo?

Sim, Senhores; estes forão os instrumentos destinados pela Sapiencia de Deos para dar ao Mundo nova face, para revolver os entendimentos, e sujeitallos a novos principios, para combater os corações, e amoldallos a novas Leis. Estes forão os instrumentos, que fizerão que aquella Cruz, que era, como diz S. Paulo aos de Corintho, huma loucura, se tornasse a Religião dos sabios; que aquella Cruz, que era hum opprobrio, se fizesse a gloria dos Monarchas, subindo a formar o ápice honrado de seus Diademas, e ao mesmo tempo se despregasse, e ondeasse como estandarte ao vento na frente de seus exercitos, tecida, e esculpida com pompa em suas mesmas bandeiras. Estes

forão os instrumentos, que fizeram entrar a Fé de posse do Capitolio, e que aluirão os alicerces daquelles Templos profanos, ornados com os despojos de toda a Terra; que levantarão novos altares para collocar sobre elles hum Crucifixo; que desfizerão, dispersarão, e anniquilarão todas as seitas tão celebres, e tão numerosas, e que erão outros tantos exercitos postos em pé de guerra pela sapiencia humana contra a Fé; e que obrigarão seus mesmos Mestres a mudar de partido, e a se alistarem em nossas bandeiras, carregando suas mãos de nossas cadêas. Estes forão os instrumentos que fizeram que o nome de Jesus Christo passasse os montes, e os mares, e chegasse onde não tinhamo chegado, não digo eu as armas, mas nem o nome dos Romanos; e que ao som deste nome respondessem com écco sonóro todos os angulos da Terra. Aqui descobre a razão a infinita Sapiencia de Deos, que querendo chegar ao seu fim, vio que os meios mais proprios erão

aquelles mesmos, que mais improprios parecião ao entendimento humano.

E qual foi o fim, que Deos se propoz? Foi sujeitar o Mundo á Religião, mas de maneira, que esta sujeição se não pudesse attribuir mais que ao braço do Omnipotente. Em lugar de escolher instrumentos proporcionados, escolheo instrumentos, ou tão debeis, ou tão improprios, para que, não aos instrumentos, mas ao Author se referisse, e attribuisse toda a gloria do Mundo conquistado. Considera o conselho de Deos, diz S. Bernardo na Epistola ao Subdiacono Romano; não escolheo os ricos, os sabios, os nobres; porém os pescadores, para que se visse, que não conquistava, e reduzia o Mundo com as riquezas, com o poder, e com a auctoridade da prudencia humana. E Santo Agostinho em o Liv. 18. da Cidade de Deos: Escolheo os humildes de nascimento, os illiteratos, para que elle só fizesse grande, quanto elles grande fizessem.

Devia Gedeão, conforme as ordens de Deos, combater, e destruir os Madianitas, e para este fim tinha levantado hum exercito poderoso; e apenas á sua frente o manda marchar, tambem Deos lhe manda, que diminua, e reduza o mesmo exercito. Corre ao campo da batalha, e não dá hum passo, que não receba de Deos huma nova ordem para licenciar parte do exercito. Semelhante áquelles rios, que derramando-se, e dividindo-se em muitas véas, se vão perdendo em sua mesma carreira, e chegam aos mares tão attenuados, e pobres, que longe de lhes levarem guerra, nem lhes dão sinal da sua chegada. O exercito de Gedeão, que pouco antes alagava, e cobria os campos vizinhos, chegou á frente do inimigo tão decrescido, e extenuado, que mais parecia huma avançada guarda para espiar, que hum corpo aguerrido para combater. O que he ainda mais; aquelles poucos soldados, que restavão da grande refórma, ou reduccão do exercito, em lugar de ar-

mas proprias, e aptas para combater; vinhão apenas providos de trombetas, de vasos de barro, e de fachos accezos. Como he isto? Para debellar hum inimigo poderoso, licenciare primeiro o exercito? Ficão poucos soldados, e são estes os que marchão armados dos symbolos da fraqueza no barro tão facil de quebrar-se, e nas luzes tão promptas em se extinguirem? Não vos admireis; esta resolução foi hum designio da Sabedoria de Deos: estes meios não tinhão proporção alguma com os fins de Gedeão; mas tinhão muita com os fins de Deos. Gedeão propunha-se combater os Madianitas; e Deos determinava que no combate contra os Madianitas resplandecesse a virtude de seu braço Divino, e não a pericia do General, ou o valor dos soldados. Para isto reduzio aquelle grande exercito a poucos combatentes, desarmou estes mesmos poucos; e querendo-os com effeito inhabeis para conseguirem a victoria, conseguiu que a victoria alcançada se não pudesse cha-

mar victoria do Povo, mas victoria de Deos. S. Bernardo compara em muitas cousas os Apostolos aos soldados de Gedeão, e mais que tudo nesta desproporção, que tinham com o seu fim; desproporção querida, e escolhida por Deos, como o instrumento mais proprio para mostrar, que a conversão do Mundo era obra manifestamente sua. Oh! Sapiencia Divina! Assim como na criação do Mundo não fez proceder huma cousa de outra cousa, mas tirou tudo dos abysmos do nada, assim na formação da sua Igreja se servio da nullidade dos Apostolos, e para o dizer melhor, do não ser, para que estabelecendo-a, como estabeleceo o Mundo, nas bases do nada, annunciasse, como o Mundo annuncia, por toda a parte o seu Author. Agora conheço, ó Santos Apostolos, como seja verdade que vós sois o Sal da Terra, a Luz do Mundo, e a Cidade fundada sobre hum monte. Assim como em o nada, que precede as cousas se conhece donde provenhão as que procedem,

assim se póde dizer que vós sois o Sal da Terra, porque em vossa insipien-
cia se conhece donde provenha aquel-
la lei que a conserva; que sois a
Luz do Mundo, porque em vossa
ignorancia se conhece donde venha
aquella sciencia que o illumina; que
sois a Cidade fundada sobre o mon-
te, porque em vossa baixeza, se co-
nhece donde tenha origem aquella
virtude, e aquella força que a vence,
e que a supplanta.

E que outra Religião no Mundo
póde mostrar hum sinal tão mani-
festo de que seja Deos o seu Au-
thor? Commovi, e revelei os fun-
damentos da santa Cidade, e mostrei
como he a obra Divina, por que está
fundada sobre o nada. Agora remo-
vamos, e revelemos os fundamentos
de Samaria, e vejamos como he obra
humana, porque tem por pedras fun-
damentaes a arte, a força, o interes-
se, as paixões, a cubiça. Romanos,
vós abraçastes a Idolatria; e que mui-
to, que tendes abraçado huma Reli-
gião, que de huma parte foi promo-

vida por hum Rei sagaz, politico,
 e astuto, e de outra parte authoriza-
 va os vicios inserindo entre os Deo-
 ses os viciosos? Povos da Asia, sub-
 mettestes o pescoço á lei de Mafo-
 ma; que muito, se o vosso legisla-
 dor foi hum legislador armado de
 hum alfange, e commandando á fren-
 te de hum exercito de cem mil sol-
 dados? Eu me admiro que recorres-
 se á força, quando promulgava huma
 lei, que dava tanta liberdade. Cal-
 vino, Luthero, e outros semelhantes
 monstros, vós pervertestes Provincias,
 e Reinos; mas fostes Mestres da re-
 bellião, ensinastes, não a supportar
 hum jugo, mas a sacudillo; não a en-
 riquecer Igrejas, mas a despillas; não
 a manter, e guardar os votos, mas a
 quebrantallos. Fostes sustentados pe-
 los Poderes do Seculo; mas chamas-
 tes em vosso auxilio as paixões dos
 Grandes, e os fizestes servir de bra-
 ço, e escudo á vossa Apostasia. Es-
 tas, e outras semelhantes são as pe-
 dras, sobre que se fundarão estas
 Torres de Babilonia, pedras sepulta-

das nos alicerces, para que sirvão de base a estes indignos edificios, e ao mesmo tempo pedras descobertas, para que possam ser visitadas dos olhos de todos; pedras, que não só são obra do homem, mas obra da carne, obra das trevas; pedras talhadas, e postas em obra pela humana depravação, sobre as quaes he impossivel que se levante o culto de Deos, porque sobre ellas se levanta a irreligião, e a impiedade. Pelo contrario, *Dominus fundavit Sion*. A Cidade de Sião, que he a Igreja, não tem fundamento humano sobre que se firme, e levante. Está suspensa, e librada no seio de Deos, o qual, paraque esta verdade se descobrisse, e fizesse evidente, escolheo com infinita Sapiencia, para a fundar, tudo quanto era desprovido de meios para o conseguir; para que nunca o incredulo pudesse presumir que o seu Fundador pudesse ser outro, que não fosse Deos. *Dominus fundavit Sion*.

E se resplandece a Sabedoria Divina nos instrumentos, que empregou para fundar a sua Igreja, resplande-

ce ainda mais na maneira de fazer abraçar as incompreensíveis verdades, que ensina. S. Paulo, fallando dos Sabios deste Mundo, diz, que pelos principios de sua sapiencia nunca chegarão a conhecer a Deos. Com effeito, se quizermos examinar o que pensarão de Deos os primeiros Sábios da Antiguidade, acharemos que todos, mais ou menos, dérão na impiedade, ou na extravagancia. Huns o fingirão corporeo, outros composto de átomos, outros de numeros. Huns lhe negarão a Providencia, e, para que mais a seu commodo gozasse do Ceo, o fizerão ocioso. Outros restringirão, e circumscreverão seu poder, sujeitando-o a huma certa fatalidade de leis, que tyrannizava com força a sua vontade. Outros aviltarão a excellencia de sua natureza, suppondo-o capaz de todas as paixões humanas. Desafião nossa compaixão, quando os ouvimos discorrer sobre a Religião: semelhantes aos que assopram o fogo, não fazião mais que levantar cinzas para cegar-se. Huns nada duvi-

davão; outros de tudo. Huns erão tímidos; outros ardimentosos em definir; e o que mais he, a maior parte não só vivia discordante dos outros, mas de si mesma: reprovavão hoje o que hontem tinham abraçado, e decidido. Se taes erão os Sábios, imaginai qual seria o povo. Abatido, e oppresso debaixo do jugo de huma céga superstição, adorava as creaturas mais vis, incensava troncos, e insensatos simulacros, tremia diante de hum Nume, que elle formava, e punha sobre o altar; e compondo seu culto de ceremonias ou vãs, ou sacrilegas, deo o nome de Religião a suas loucuras, e chegou a dar nome de Religião a seus mesmos vicios. Em summa, permittio Deos, que o homem desse huma prova funesta da fragilidade da sua razão, e mostrasse que seu entendimento, e sua sapiencia só erão capazes de o conduzir ao erro, e que sómente Deos era capaz de o conduzir ao conhecimento da verdade.

Ora já que o Mundo não conhe-

ceo a Deos com a sapiencia; a Sapiencia de Deos achou meio de se fazer conhecer do Mundo. E porque meios conseguirá elle este fim? Suas verdades, seus mysterios são muito superiores á nossa curta, e misera capacidade; nem seriam cousas proprias, e dignas de sua Divina Essencia, se fossem proporcionadas ao nosso modo d'entender. Pois já que o entendimento, porque he muito apertado, as não pode abraçar, abrace-as o coração, que he vasto, e que he immenso; e já que a razão não tem lume bastante para as encarar, dobre-se, sujeite-se, curve-se diante dellas por veneração. A vontade, que tem braços que bastem para as circumdar, aperte-as a seu seio com affecto. Dest' arte o que falta ao entendimento he supprido admiravelmente pela vontade, que tem hum seio desmedido para as conter em si, e que tem em seu amor huma luz bastante para as penetrar.

Não cuideis, Senhores, que eu vos proponha huma fantasia mais engenhosa, que verdadeira. Proponho-

vos huma verdade Theologica, proponho-vos hum dos maiores milagres da Sapiencia Divina, para dar a conhecer ao Mundo as suas verdades. Preparou Deos a vontade do homem, para que fosse o receptáculo da Fé: seja pois a Fé primeiro recebida pelo coração, e depois pelo entendimento. Deos com certas affeições suasivas, com certos impulsos do Espirito Santo, moveo o coração dos homens a amar mysterios, por si mesmos tão superiores ás curtas luzes da razão: apenas se moveo o coração, veio subito o entendimento, e sem difficuldade se sujeitou a venerallas, e acreditallas; e de que outra maneira poderião os Apostolos propôr ao Mundo as verdades sublimes da Religião, e serem logo recebidas, e acreditadas? Como? Faltava, assim he, a estas verdades luz para se fazerem entender; mas não lhes faltava força para se fazerem amar: não se deixavão vêr; mas fazião-se sentir: erão obscuras para o entendimento, mas claras para a vontade, porque aman-

do-as, como fazia, experimentava em si hum certo calor, que se lhe transformava em luz. Desta fórma se reduzirão os homens a crêr, e acharão de hum certo modo ligada, e unida em si mesmos a Fé com a sciencia; a Fé no entendimento, a sciencia no coração. Fé, que considerada no entendimento, tem a certeza da verdade, mas sem clareza; e considerada no coração, tem aquella clareza que falta ao entendimento. Neste Mundo temos em parte sciencia, e lume das cousas de Deos; porque ainda que do lado do entendimento não haja em nós nem sciencia, nem luz, ha lume, e ha sciencia da parte do coração; e taes forão as artes da Sapiencia Divina. Intíma ao Mundo a Fé, e o obriga a crer, e ao mesmo tempo comunica ao coração certas internas disposições, que o obrigão a crêr, e lhe facilitão a crença. De huma parte trata o entendimento do homem com imperio, obrigando-o a sujeitar-se, e de outra parte maneja, e leva o coração com doçura, fazendo que lhe

agrade a submissão , temperando o ascendente imperioso da Fé com as doces impressões da sua graça ; e assim attrahio o Mundo , e attrahe ainda os povos mais contumazes á verdadeira crença.

Sim , Senhores , assim acontece ainda em nossos dias ; e esta prova tem a mesma clareza em nossos tempos , que teve no tempo dos Apostolos. Vejamos isto com brevidade , e consolemo-nos com a evidente innegabilidade dos artigos , que acreditamos. Hum pobre Sacerdote de Jesus Christo , Ministro do verdadeiro Deos , emprehede huma viagem de mais de seis mil legoas , para annunciar até no seio da mesma China as nossas sacrosantas verdades. Chega finalmente a tão remotos climas ; avança , e penetra , mostrado com o dedo como hum barbaro , e escarnecido como hum vagabundo : começa pouco a pouco a juntar o povo , e entrando a expôr-lhe o motivo da sua vinda , e a fazer-lhe entender com authoridade , que cuidem em mudar de Religião , se não

querem ficar perdidos por seculos eternos : e começando a expôr-lhes circumstanciadamente os nossos mysterios , expõe-lhes como o Filho de Deos encarnára para remir o Mundo ; como nasceo , com portento , de huma Virgem ; como morreo com ignominia sobre huma cruz. E que acontece? Ainda que todas estas cousas devessem parecer não só novas , mas ridiculas , loucas , e impossiveis a homens preocupados de mil erros , e superstições , soffrem quem lhas diz , e o escutáo com attenção ; e deixando-se pouco a pouco persuadir , se rendem finalmente , e cativáo o entendimento á sua incomprehensibilidade. E como? Aquelle que lhes falla he hum homem em apparencia desprezivel , e vil : as cousas de que lhes falla , são cousas que lhes parecem repugnantes , e contradictorias. Vivem cheios de soberba , aborrecem as novidades , e abomináo os estrangeiros. Se vissem ao menos confirmado o discurso do Ministro Apostolico com milagres estrepitosos ! Porém a mão

de Deos que os derramou com profusão nos primeiros tempos da Igreja, ainda que não esteja abbreviada, parece com tudo escassa. Quem os obriga pois a render-se, e sujeitar se? Move-os huma certa doce violencia, que sentem no coração. Não entendem a sublimidade destes mysterios, mas sentem a sua força. Deos principia a ganhellos pelo coração; e servindo-se de piedosas affeições, e de amaveis impulsos, antes de sujeitar o seu entendimento, tem já ferida a sua vontade. Julgão das verdades que escutão, não do que escutão; mas do que experimentão. Por esta razão elles, e nós podemos dizer a quantos existem fóra da Igreja Catholica estas palavras do Salvador: *Vos adoratis quod nescitis; nos adoramus quod scimus*; porque além da Fé, temos huma quasi sciencia da verdade que acreditamos; sciencia não de entendimento, mas de coração. Crê o entendimento, mas o coração sabe. Com o entendimento cremos que Deos falou, com o coração sabemos, e sen-

timos que falla. Oh Sapiencia admiravel, que descubrio e descobre ainda pelo caminho do coração as suas verdades; no mesmo acto que descobre o prodigio, esconde seus caminhos ao entendimento!!

Assim resplandece a Sapiencia Divina em nossa Religião; vejamos como resplandece o poder. Em primeiro lugar, como resplandece esta Omnipotencia nas maravilhas que operarão os Apostolos, e os seus successores? A Natureza tem certas leis, que não podem ser forçadas senão de seu Author; e ainda que seja grande o poder dos homens, só a Omnipotencia Divina póde elevar-se á operação dos milagres. Deos pois que costumava conservar-se escondido, para o dizer assim, debaixo dos véos da Natureza, rasgou estes véos, e se mostrou com a pompa mais estrepitosa que os seculos virão, para comprovar as suas leis com seus milagres, que são, deixai-me explicar assim, os seus juramentos. Para jurar que a lei era sua, deo seu braço aos Aposto-

los, e os fez depositarios da sua Omnipotencia, e lhes conferio huma Patente, ou a investidura de prodigios, e obrigou o Mundo a não poder deixar de os reconhecer por seus Legados, vendo-os providos, segundo as fórmãs, de huma semelhante faculdade. Não deferirão hum só momento o uso do poder, que lhes fôra comunicado. Fallavão de hum Deos cuberto com as sombras da nossa carne, e para confirmar esta verdade, com a sombra de seus corpos, que dava nos enfermos, desterravão dos corpos as suas enfermidades. Fallavão de hum Deos morto em huma Cruz por nosso amor; e em prova disto, chama-vão da sepultura os mortos outra vez á vida; e os mortos lhe escutavão a voz, e vinhão respirar a luz do dia. Fallavão contra a Idolatria; e aquelles Idolos, que antes tinhão voz para enganar, se tornavão mudos, e não tinhão palavras para se defender. Em summa, para comprovar a verdade do que annunciavão, não fazião mais

que derramar por toda a parte milagres, e portentos.

Admiraveis portentos da mão de Deos, vós existis ainda vivos nas Santas Escrituras, e nos Annaes da Igreja. Direi mais, ainda existis vivos nas Historias dos mesmos Idolatras. Fostes tão públicos, que, para convencer qualquer domestico incredulo, podemos allegar mil testemunhos tirados dos nossos mesmos inimigos. Fostes além disto tão universaes, que para onde quer que me volte encontro innumeraveis memorias, que me fallão de vós: e se os Gregos mostravão em cada huma das suas pedras a memoria de algum feito, ou empreza, nós podemos dizer que os Christãos mostram sobre todas as pedras a tradição de algum milagre. Cada palmo de terra está consagrado com algum portento, e aquelles paizes que agora são os mais barbaros por seus habitantes, não são menos santos por seus monumentos. Os Apostolos, e os seus successores correrão todo o Mundo — *in veritate*

signorum, et prodigiorum. Aqui foram , aqui prégaram , aqui authenticaram a sua prégação com seus milagres. Este chão que pizaram , assim como foi sañctificado com o contacto de seus pés , foi honrado com os seus prodigios. Este ar , estes elementos , estas creaturas , que nos cercão , ouvirão a sua voz , obedecerão a seu imperio ; e por meio destas maravilhas entrou a Fé em as nossas Cidades , foi recebida pelos nossos Maiores , e foi transmittida de pais a filhos , pura , e immaculada como he até ao presente momento.

E por ventura , além dos milagres , não póde a Religião Catholica produzir outros signaes da Divina Omnipotencia ? Quando estes não bastassem , eis-aqui outros não inferiores na morte dos Martyres pela Fé , dilatando-a com o seu martyrio. Porém antes que todas as Potencias conjurassem contra a Religião , tinha ella nascido no Mundo. Todos os Edictos dos Cesares se dirigirão a prohibir o seu exercicio ; todas as in-

quisições dos Tribunaes tiverão por objecto impedir seus progressos; todas as espadas dos Algozes se desembainhárão para punir os seus sequazes. Levantão os Fiéis a Cruz para a adorar; e de repente os Tyrannos alçãõ mil cruzes para os crucificar, resoltidos a usar de todas as invenções da barbaridade para abolir o nome de Christo, e dos Christãos. Mas que conseguirão aquelles Impios, salvo o fazer vêr ao Mundo o que pôde hum Deos no coração de seus verdadeiros adoradores? S. Bernardo, fallando dos Apostolos, diz que elles são verdadeiramente aquelles Ceos, de quem está escrito, que annuncião a gloria de Deos; que Deos, artifice, e habitador destes Ceos animados, toou por meio delles aos ouvidos do Mundo; e que o Mundo tremêra primeiro ao estampido deste trovão, e que depois acreditára. Ora este Mundo, que antes de crer teme os Apostolos, ainda que inermes, depois de crer não teme nem Monarchas, nem Jui- zes, ainda que armados. O temor in-

troduzio a Fé, e a Fé já introduzida lançou fóra o temor. O temer os Apostolos foi nos homens huma preparação para a Fé; mas o não temer os Tyrannos, depois de ter recebido a Fé, foi huma prova authentica, e manifesta, de que a sua Fé era de Deos. Póde hum homem por si mesmo não evitar a morte; mas arrostalla, sahir-lhe ao encontro, e não só soffrer os tormentos mais atrozes, mas buscallos, desejallos, e preferillos a todas as delicias do Mundo, não he obra do esforço humano. Isto he levantar-se sobre a humanidade, e passar além dos confins de homem a huma ordem superior: he hum poder, he huma força, que conclue indubitavelmente hum não sei que de Divino.

Èis-aqui o que se vio nos primeiros Christãos, homens sempre promptos, sempre expeditos para morrer, como lhes chama S. Bernardo: *Genus hominum morti expeditum*. Sofrião os tormentos com huma tal paciencia, que se não podia bem definir,

nem se podia resolver se elles estavam no corpo, ou fóra do corpo; porque parecião como estrangeiros em seu mesmo domicilio, ou que tinham huma alma cingida de membros não seus, ou como se suas almas andassem em peregrinação fóra de seus membros, ou verdadeiramente em desterro fóra dos confins da vida. Os mais debeis, ou pela idade, ou pelo sexo, não forão os menos fortes; e por isso merecêrão ser os mais admirados. Os mais tenros meninos, as donzelas mais inermes e fracas, corrião á morte com huma certa rapidez, que podia parecer precipicio de hum furioso, que corre por desesperação; porém a desesperação não he nem tão contente, nem tão alegre. Ficavão atonitos os mesmos Algozes vendo insultados os seus tormentos, e vendo que se temia ainda mais a sua compaixão, que a sua crueldade. Entre tanto gemia o Mundo debaixo do pezo dos estragos, e carnicarias, e a terra costumada em tantas derrotas de exercitos a gemer debaixo do pezo dos

mortos nunca sustentou em si hum número de cadaveres mais excessivo ; nem o Ceo acolheo em si hum povo de almas mais numeroso. Todos os dias entravão naquella Santa Cidade esquadões de Martyres com suas palmas nas mãos. Tempos felizes para o Ceo, porque forão os tempos da sua colheita ; tempos infelizes para a Igreja, porque parecião os tempos de sua desolação. Pobre Rachel ! Quão excessiva foi a amargura da tua dor, vendo os estragos de teus filhos ! Ah ! exclamava ella, apenas dei á luz estes filhos, eu os vejo arrancados dos meus braços, e transplantados aos braços de hum verdugo ! Eu perco repentinamente o nome de mãe, apenas o tinha adquirido ! Foi infeliz a minha fecundidade, pois não serve mais que de encher as Catacumbas Romanas, e dilatar os espaços dos Cimiterios. Chora os seus filhos, e não admitte consolação, porque não existem.

Mas não derrame lagrimas, console-se, porque a sua fecundidade depende da sua morte. A morte, que

he a cousa mais esteril, que ha no Mundo, será para ella á semelhança de hum seio fecundo de infinitas gerações. Oh! Divina, oh! incomprehensivel Omnipotencia! Estabelece seu Imperio por aquelles mesmos caminhos, por onde os outros se destroem. São destruidos os seus altares, são mortos os seus adoradores; e estes altares abatidos, estes Profetas assassinados, são, ou formão a dilatação de seu culto. Seu infinito poder faz servir estas ruinas, e estes mortos para aquillo mesmo, que parecia mais repugnante, permittindo que estas mesmas ruinas se levantem em Templos, e que estes mortos submetão, e avassallem toda a Terra. O sangue dos Martyres he hum germen, que produz Christãos, e as espadas dos Tyrannos, que devorão seu sangue, não são espadas, são arados, que fendendo as entranhas da Igreja, a provocão a huma nova fecundidade. Corrêrão os Tyrannos a arrancar, e demolir a vinha do Senhor das Gentes, diz Isaias: *Vineam Domini gentium*

exciderunt ; mas não lhe cortavão hum renovo, que não brotassem innumeraveis; e julgando, que arrancando-lhe as raizes a farião seccar, a tornarão mais viçosa, e mais fructifera. Dentro em pouco estendeo seus ramos além dos mares, e cubrio com sua sombra, e com seus fructos toda a terra habitavel. Porém esta força nos Martyres para supportar a morte, esta virtude na morte para dilatar a Religião, não são cousas que excedão o poder humano, e que não possam provir senão de Deos como de seu principio? Sim, só Deos podia dar este poder: elle concedeo aos Martyres huma outra tempera, que os fez como independentes da sua carne, que os obrigou não a aborrecer a morte, mas a abraçar-se com ella, e a contalla em o número de seus alliados. Só elle quiz que a Religião, que nasceo das feridas de seu peito, crescesse por meio das chagas, e das feridas, e que o sangue que vertia lhe servisse de leite para a sustentar; em huma palayra, que fosse huma obri-

gação de seus progressos sua mesma destruição. Oh! Omnipotencia, oh Omnipotencia, exclama aqui S. Bernardo: *Vere Omnipotens es, qui ipsas miserias fecisti omnipotentes.*

Prosigamos, Senhores, por este admiravel caminho, e vejamos como além das claras luzes que já vimos, resplandeção sobre a face da Religião novos raios da Divina Omnipotencia. Deve causar summo prazer a hum verdadeiro Christão repassar pela lembrança as glorias da sua Religião, como apraz ao grande da Terra revolver os antigos monumentos da sua familia. Venceo a Religião os Tyrannos, e os venceo, crescendo, e augmentando-se por tres seculos debaixo dos fios da sua espada; porém acabando-se a perseguição dos Tyrannos, venceo outros inimigos mais formidaveis, e forão os Hereges. Como a Religião abraça dois objectos, seus Dogmas, e sua Disciplina, levantarão-se contra ella duas qualidades de inimigos, huns oppostos á sua cren-

ça, outros aos seus costumes. O Demonio levantando contra a Religião ora hum entendimento orgulhoso, ora huma vontade pervertida, humas vezes combatia as cousas que propõe para objectos da Fé, outras combatia as que se referem aos costumes; as primeiras como falsas, e as segundas como impossiveis, ou como superfluas; mas ainda que fossem numerosos, e fortes os seus adversarios, a Omnipotencia de Deos sustentou a Religião contra todos os seus esforços. Sustentou em primeiro lugar a sua crença. Revolvei, Senhores, os Annaes da Igreja, e encontrareis a cada passo os seus triunfos. Achareis que a mentira não póde prevalecer contra a verdade; e que todos os erros cedo, ou tarde se dissiparão como nevoa aos raios do Sol, e que todas as Heresias como fragil barro se desfizerão, e quebrarão ao toque da pedra angular, que he Jesus Christo. A Vara de Arão devorou as varas de todos os Magos, isto he, a mentira foi engolida pela verdade. Aquel-

le Arianismo, que tanto se estendeo, que por pouco não foi a Religião dominante de todo o Mundo, se se mostrou tão poderoso, foi unicamente para mostrar a Omnipotencia de Deos que o aterrou. Outras infinitas seitas de Manicheos, e Donatistas, que se levantarão contra a Igreja nos seculos antigos, forão com effeito destruidas, e não ha dellas outros vestigios mais que as memorias, e os vestigios que nos mostrão ainda a sua destruição. E nestas ultimas idades quantas victorias temos visto? Oh Revolução! oh Revolução! Tu es huma prova da verdade da Religião. Foste destruida, e este estrago he a victoria da Fé, que tu pretendeste abolir da Terra, e querendo sobre as ruinas da Religião estabelecer o Atheismo, este monstro existe a seus pés não só maniatado, mas extincto. Quebrou a Religião restabelecida, para me explicar na frase de Isaias, o freio do erro na boca de hum grande povo. Mas confessemos ao mesmo tempo que huma tão grande em-

preza, não se podia conseguir por meio do poder humano por maior que fosse, e que só pela mão de Deos foi abatido este monstro, que, se ainda vive em alguma parte de si mesmo, sobrevive, para o dizer assim, em seu cadaver, a quem não falta senão o tempo para lhe dar sepultura. E em quantos lugares do Christianismo tem a Religião triunfado com igual victoria! O que tinha aprestado a mão para o incendio a retirou, diminuirão-se as chammas, e vão pouco a pouco caminhando a seu fim; em muitas partes estão extinctas, e apenas fumão ainda as suas cinzas. Assim apraz á Divina Misericordia; que onde são mais furiosas as chammas entre bem depressa, para as apagar, aquelle espirito do Senhor, que he espirito de orvalho, e de luz.

Assim como a Omnipotencia sustem a crença da Religião, sustem igualmente a sua Moral. Em todos os tempos desagradou a muitos a Religião Catholica, não só porque he muito sublime o que propõe para crer;

mas porque he muito difficultoso o que propõe para praticar. Ainda em nossos dias muitos dos barbaros não tem difficuldade em acreditar nossos mysterios. E como a poderião ter, se cada hum delles em suas seitas acredita cousas tão estranhas, e tão repugnantes, que tem mais que vencer em acreditar as suas loucuras, que as nossas verdades? O seu trabalho consiste em sujeitar-se ás nossas leis. Estas tem rebellado á Igreja cem Nações, e conservão ainda muitos Povos na infedilidade. Huns se decláram contra a penitencia como hum pezo muito gravoso, outros contra o nosso culto como cousa muito supersticiosa, outros contra a castidade como hum preceito muito difficil. Mas que conseguirão? Nada mais que mostrar a depravação de seus corações sem alterar a pureza da nossa Religião. Por mais esforços que hajão feito as paixões humanas, não poderão ainda abolir huma só Lei no Código da Religião. Que digo eu abolir? Não poderão adoçallas, ou tem-

perallas na mais pequena parte. Depois de tantos, e tantos seculos, com tantos, e tantos inimigos, cada ápice do Evangelho conserva ainda todo o seu rigor. Aquelle sacrosanto jugo, que trouxerão os Apostolos, he o mesmo a que ainda submettemos o nosso pescoço, sem que se torne mais ligeiro, ou pelo tempo que estraga todas as cousas, ou pela violencia que as rompe. Muito cumpria á humana fraqueza alargar os caminhos do Ceo, e dilatar-lhe algum passo mais. Muito cumpria que as portas do Paraiso fossem menos apertadas. Mas não, estas portas são de bronze, não se podem alargar mais. Embora se quebrantem muito os Divinos preceitos, todos confessão que elles obrigão. Não he o homem casto, mas conhece que o deve ser; commettem-se delictos, mas sentem-se remorsos; e ainda que se obre contra a Lei, a Lei não dorme, mas grita, e chama a seu tribunal os transgressores.

Mas esta liberdade de transgredir à Lei, he o ultimo, e talvez que o

maior signal de que Deos assiste á sua Religião, pois a faz triunfar da depravação de seus mesmos sequazes, inimigos tanto mais formidaveis, quanto são mais occultos, e mais domesticos. Sou obrigado a fallar das nossas ignominias, e me envergonho, que devendo fazer a resenha das palmas alcançadas pela Religião em suas victorias, deva por necessidade encontrar-me com os nossos despojos. Eu o sei, mas não imaginava ler entre os titulos dos vencidos tambem o nosso nome. Mas he assim, triunfa a Religião de nós, sustentando-nos contra nós, não obstante a guerra terrivel, que nós lhe fazemos com os nossos vicios. A' vista delles, quem não diria não ser possivel que dure huma Religião contra a qual se revoltão os seus mesmos filhos? Observai como se vive nas Cidades mais Catholicas, como em Lisboa se vive. Com quanta facilidade derramão aqui huns o sangue dos outros! Quantas inimizades ha entre os particulares, quantas discordias nas familias! Que

licença, e devassidão nos mancebos! Que avareza nos velhos! Que injustiças nos Tribunaes, que violencias nos soldados, que prepotencias nos Nobres, que enganos nos Plebeos, que luxo, que vaidade, que liberdade nas mulheres! Se Deos não tivesse aqui deixado algumas almas justas, semente, e reliquia dos seculos santos, seria esta Cidade semelhante em tudo ás Cidades do Paganismo. Quantos entre os Gentios, porque nós vivemos com elles na Asia, na Africa, e na America, recusão crer como nós? Eis-aqui os damnos, que causão os nossos vicios á Religião. O Infiel não se resolve a abraçalla, o Fiel a perde. Não se alistão debaixo das bandeiras do Deos de Israel muitas tropas auxiliares, que se alistarião, e aquellas que seguem estas bandeiras, fazem quanto podem por destruir seu campo, abater seus estandartes, e fazer retroceder a Arca Santa, que devião defender, e guardar! Tropas rebeldes, debalde vos afadigais! Os arraiaes de Deos devem subsistir até á con-

summação dos Seculos. Aquella Arca mystica da Alliança, em que se conserva a sua Lei, e os seus mysterios, ainda que ameace cahir, não cahirá jámais. Não ha necessidade de mãos profanas para a sustentar, Deos com a sua dextra impedirá a sua queda. Sua Omnipotencia a conservará firme entre os combates, e fará ver que esta firmeza não póde ser senão huma impressão de seu braço Divino, o qual, não satisfeito de authenticar a sua Religião com a virtude dos milagres, com que a promulgou por todo o Mundo, com a effusão do sangue em que a sustentou contra os Tyrannos, com a força do saber com que a sustentou contra os Hereges, a authentica finalmente com o nosso viver depravado, e faz servir á sua firmeza os nossos mesmos peccados.

Que dizeis, Senhores? Podia eu mostrar-vos mais claramente como se descobre em nossa Religião a Omnipotencia, e a Sapiencia de Deos, que a fundou? Eis-aqui porque a compara Santo Agostinho á Arca de Noé,

chamada pelos Santos trabalho não dos homens, mas de Deos, porque Deos com a sua Sapiencia deo o desenho, lançou as linhas, regulou as medidas; porque Deos com a sua Omnipotencia obrigou a acoutar-se dentro as feras mais indomitas; porque a sustentou entre as refegas do vento, e as procellosas ondas do Diluvio. Mas sobretudo he figurada a Religião na Arca de Noé, porque fóra della não ha salvação. Quem existe fóra, está perdido. Só he permittido sahir alguma vez com o pensamento, correr vagando por outras seitas, para acontecer aquillo, que aconteceu á Pomba mandada por Noé fóra da Arca, que não vendo mais que cadaveres immundos, e recusando pousar sobre aquella immundicie, tornou apressada á sua primeira habitação, que se lhe devia mostrar mais prezada, e amavel depois que vio que fóra della não havia mais que podridão, e morte. Ah! Se nós somos verdadeiramente Christãos, se entendemos o que signifique

este nome, como não amaremos huma Religião, que provem manifestamente de Deos, huma Religião pré-gada por homens que a authenticá-rão com as maiores de todas as maravilhas! Huma Religião comprovada, sustentada com tantos prodigios, que podemos dizer, que são taes que não deixão liberdade á nossa crença! Nesta Religião por Misericordia de Deos nascêmos, e crescêmos. Os nossos Maiores a deixarão como a mais preciosa de todas as heranças. Nella se fizerão receber apenas nascidos, nella se confirmárão crescidos, nella permanecêrão até o instante de espirar; e neste ponto, em que tanto se ama, e o direi ainda melhor, se conhece a verdade, nella protestárão dar a Deos o seu Espirito, contentes em sua morte, porque deixavão no peito de seus successores a sua crença. E achareis vós no ponto da morte hum Christão, que se haja arrependido de ter vivido no seio da Religião Catholica? Não vemos todos os dias

o que acontece aos mesmos impios? Depois de haverem vivido n'outra crença, querem morrer em a nossa! Oh força da verdade, que se descobre tão bem nas vizinhanças dos Juizos Divinos! Ora esta verdade, que a algum se descobre tão tarde, se nos descobrio a nós, e se nos manifestou antes que a idade nos permittisse conhecella, mandando, que, pois não podiamos por nós mesmos, houvesse quem supprisse o nosso conhecimento.

O ultimo rasgo das perfeições Divinas, que resplandece na Religião, he a santidade. E que outra cousa se póde descobrir naquella Religião, de quem se diz, que Deos he o Author? Esta santidade se descobre na santidade de seus Mandamentos, tão conforme á sua purissima natureza. E que santidade mais eminente do que aquella que nos prescreve o Evangelho? Quer que amemos a Deos mais do que nos amamos á nós mesmos, que amemos o proximo como nos amamos a nós. Quer que huus per-

maneição unidos aos outros com huma união, que mais que sociedade, se possa chamar fraternidade. Quer os filhos sujeitos ao pai com huma sujeição, que pareça servidão pela pontualidade da obediencia, que pareça liberdade pela promptidão, e pelo amor. Quer os pais superiores aos filhos com commando, que tenha toda a força da dominação, e toda a doçura da piedade. Quer os servos sujeitos aos amos, não por necessidade, em que os constitue a sua condição, mas pelo prazer que achão em submetter-se ás ordens da Divina Providencia. Quer os amos superiores aos servos, mas com huma superioridade que se mostre mais no cuidado de os prover, que em o rigor de os castigar, e, quanto lhes for possivel, lhes não tirem mais a liberdade de obrar mal. Quer os Principes amantes de seus Vassallos, e os Vassallos reverentes a seus Principes; que os primeiros adocem seu commando, considerando os subditos como irmãos, e que os segundos santifiquem a sua

dependencia, honrando nos Principes o mesmo Deos. Não quer divisões entre as familias, queréllas entre os particulares, injustiças entre os Nobres, mas que todos vivão na união, na justiça, e na innocencia. Manda praticar virtudes incognitas aos sábios deste Mundo. Hum amor dos inimigos tão generoso, que não só suspenda a mão para os não ferir, mas que a empregue em os servir, não por vaidade de servir hum inimigo, mas por hum principio interno de amor, como se servisse hum amigo. Intíma huma humildade tão profunda, que no meio das honras não saiba dizer que cousa seja vaidade, e complacencia. Huma castidade tão delicada, que não só embride o ardor das paixões, mas a liberdade dos desejos, e, quanto puder, até os subitaneos pensamentos.

Em summa he tal a santidade, que prescreve a Religião, que como se mandasse cousas impossiveis, foi chamada de hum impio *Lex impossibilium*. Mas quem não vê que esta

blasfemia se torna em luminosa prova de sua santidade? Observai a força deste argumento. Aquella Lei que parece aos Mundanos impossivel, parece aos Christãos não só possivel, mas facil, e gostosa. Logo esta Religião provem indubitavelmente de Deos. Huma Religião que vem de Deos, deve ser abraçada, e praticada pelos homens, deve ser tal que por sua santidade seja proporcionada áquelle Deos que a promulgou, e que pela sua execução seja proporcionada áquelles homens a quem foi promulgada, e que a devem praticar. Vem de Deos? Logo deve conservar hum tal character de santidade que admire, e assombre, deve ser praticada pelos homens, e os homens recebem de Deos huma tal força, que lhes torna a sua observancia não trabalhosa, mas gostosa, facil, e agradável.

Eis-aqui o que acontece. E com effeito, onde existirão homens tão santos, e perfeitos como existirão entre nós? Não dissimulemos esta

vantagem sobre todas as Seitas; mas referindo as nossas glórias, distinguamo-nos em tudo daquelles que não são Christãos, referindo-as a Deos de quem procede todo o bem. Declamavão os antigos Filósofos contra as paixões; mas nem por isto as moderavão mais do que os outros: louvavão a virtude, mas nem por isto a abraçavão, e seguião mais do que os outros. Erão virtuosos nas palavras, bravos na lingua; porém viciosos nas obras. Contentavão-se com proferir grandes discursos, mas não se davão ao trabalho de concertar seus costumes. Em poucos se achava a mansidão, em nenhum a humildade. O que parecia mais brando, era o mais soberbo. Hum homem casto era considerado como huma raridade; huma virgem, como hum impossivel. Porém na Religião de Jesus Christo se virão em toda a parte florescer os lírios da pureza, e com tanta abundancia, que até florecêrão nos mais asperos desertos. No seio da Religião se

virão as solidões cheias de santissimos Penitentes, as Cidades de inculpaveis habitantes. Virão-se rejeitar as riquezas, não por desejos de gloria, mas por amor da pobreza; desprezar as honras, não porque quizessem viver ociosos, mas porque quizerão, e amarão viver obscuros. Vio-se triunfar no coração dos offendidos a mansidão, reinar no coração dos mancebos a temperança, e por fim, no mesmo sexo mais imbelle reinar a fortaleza.

Que digo eu virão-se? Graças á Divina Providencia! Ainda que a caridade tenha arrefecido, não está extincta. Prevaleceo, por nossa desventura, por vinte cinco annos a dissolução, e a liberdade; mas todavia a virtude ainda tem seus cultivadores. Vio-se gente viciosa; mas não se vê a virtuosa, porque se esconde, porque he humilde, e modesta, porque foge do consorcio, e do contagio do Mundo. De outra parte não fallecem homens de bondade tal, que mostrem conformada a sua vida á santi-

dade mais sublime da Religião. Ha claustrros separados do humano commercio, onde vivem huma vida mais angelica, que humana. Existem no coração do Mundo homens abstinentes entre as Taças impudicas de Babilonia, vivendo intactos entre as chammas que os circumdão. Ha nos mesmos exercitos homens que passam huma vida incorrupta entre a mesma lincença das armas. Haverá neste immenso Auditorio homens incognitos a mim; mas conhecidos a Deos, de quem só esperão a recompensa das suas virtudes. Ha ainda na Religião, quem represente com a santidade de seu viver a santidade do mesmo Author da Religião. Negue quem puder, que a Caridade de Deos não esteja esculpida em tantos Solitarios, que o amão com o amor perfeito, em tantos Magistrados que cumprem seu ministerio com tanta exactidão: Que a sua Sapiencia não esteja esculpida em tantos Doutores que empregão a sua sapiencia em defender a

Religião, em tantas Virgens que se consagrão a elle, em tantos homens Apostolicos, que por elle se canção.

Como he possivel que huma Religião tão santa, que fórma homens tão santos, possa ser hum erro no homem que crê? Confessemos com alegria que Deos está entre nós! E se houver algum homem, cuja razão não abrace estas verdades, neste homem não ha razão.

Disse.

*Vende-se este Sermão na Loja de
João Henriques, na Rua Augusta
n.º 1, onde também se achão os
seguintes do mesmo Author:*

Sermão prégado na Igreja da Encar-
nação em Outubro de 1818 nas
Exequias do Barão de Quintella.

Sermão das Dores de Nossa Senhora,
prégado na Real Capella de Qué-
luz, na Festividade que mandava
fazer a Serenissima Senhora Prin-
ceza do Brazil, Viuva, (no anno
de 1803).

Sermão de Preces, prégado na Igreja
de Nossa Senhora dos Martyres.

Sermão de Acção de Graças, préga-
do em S. Paulo por occasião da
Paz Geral em 1801.

Sermão de Acção de Graças pela Res-
tauração, prégado na Igreja de
Nossa Senhora dos Martyres.

Sermão de Acção de Graças pela Paz
Geral, em 1814, prégado na Igreja
de Santo Antonio.

Sermão de Acção de Graças pela Paz
Geral em 1814, prégado em S.
Julião na Festa do Juiz do Povo e
Casa dos Vinte e quatro.

Sermão de Quarta feira de Cinza , pré-
gado na Santa Igreja da Misericor-
dia de Lisboa a 3 de Março de
1813.

Panegyrico de S. Francisco Xavier ,
recitado na Real Capella dos Paços
de Queluz a 3 de Dezembro de
1804, na presença de S. M. , que
por seu voto particular mandou
festejar este Santo.

Sermão sobre a Seita dominante no
Seculo XIX.

Sermão contra o Filosofismo do Se-
culo XIX.